

'Música é a vida, é a alma'

Bárbara Brieger, filha do famoso geneticista da Esalq Gustav Brieger, é mais uma piracicabana pelo mundo. Hoje ela é professora de piano numa universidade da Alemanha

O espírito de cidadania, desprendimento, uma escala de valores humanos elevada, são fatores que fizeram com que no passado um grupo de cidadãos de Piracicaba tornasse esta uma cidade muito especial, com alto nível educacional e cultural entre eles Nelson Meirelles, Friedrich Gustav Brieger, Fortunato Losso Neto, Vivica, Hélio Manfrinato, e muitos outros. Bárbara Brieger é piracicabana, nascida em 10 de maio, filha de Anneliese Brieger e Friedrich Gustav Brieger. Ele aceitou um convite para vir ao Brasil e iniciar uma cátedra de Citologia e Genética na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz em Piracicaba (Esalq). Friedrich Gustav Brieger pode ser considerado o pai da genética no Brasil, que de uma maneira totalmente desconhecida iniciou seus experimentos em vegetais. Atualmente procedimentos na área médica que tem salvado milhares de vidas são decorrentes desses primeiros passos. Friedrich Gustav Brieger merece um estudo aprofundado sobre o seu trabalho. O que foi escrito é diminuto em face da grandeza da sua obra.

“ Fiqui sempre na música, sem pensar se ia fazer carreira, se iria viver de música. Sempre continuei

onde seus pais se encontraram? Foi na Alemanha, meu pai é de Breslau e minha mãe de Berlim. Meu pai já era cientista, minha mãe era secretária chefe do instituto hoje denominado Max Planck. Ela era secretária de um departamento de cientistas. Ele foi visitar o chefe desse departamento e conheceu a minha mãe, ele deveria ter uns 25 anos e ela 24.

Foi amor a primeira vista? Eles contavam uma história que parece ter sido. Após uns dois anos se casaram e passaram a morar em Berlim, isso foi em 1929. Meu pai nasceu em 11 de outubro de 1906 e minha mãe nasceu em 13 de agosto de 1901.

Como foi a convivência deles com a Primeira Guerra Mundial? Foi difícil, meu pai não combatu na guerra.

Nessa época, a Europa vivia um clima de incertezas? Sim, havia esse clima, e isso contribuiu para que ele tomasse a decisão de vir para o Brasil. Nessa época, meus pais tinham um filho. Vieram de navio, aportaram em Santos. Em agosto de 1936 eles

chegaram a Piracicaba, num domingo de muito calor e com ruas totalmente desertas. Hospedaram-se no Hotel Central, mais tarde demolindo dando lugar para uma garagem vertical automática.

Em Berlim eles permaneceram até que ano? Em 1933 meu pai recebeu um convite para ir para a Inglaterra, aceitou o convite para trabalhar no Instituto John Innes de Horticultura de Londres. Ela já era geneticista e permaneceram em Londres até 1936. Nessa época ele recebeu um convite para vir trabalhar em Piracicaba. O doutor Mello Moraes o convidou. Ele queria fundar, na Agronomia, o departamento de genética. Ele percorreu o mundo todo a busca de pessoas capazes, jovens e com vontade de vir para o Brasil iniciar uma cátedra de Citologia e Genética na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) em Piracicaba. Meu pai aceitou um convite para ir ao Brasil e iniciar uma cátedra de Citologia e Genética na Esalq. Ele não só foi precursor do estudo de Genética em Piracicaba, criando o Instituto em 1958, mas também consolidou e aperfeiçoou a “crítica” sobre agricultura tropical. Sua obra no campo da genética vegetal, citologia e ecologia permitiu que as pesquisas mudassem radicalmente a qualidade, quantidade e hábitos de consumo dos brasileiros. Quando o Brasil sofreu dificuldades, devido à 2ª guerra mundial, em importar sementes, ele desenvolveu excelentes cultivos de couve-flor, alface, tomate e espinafre. As sementes europeias não suportavam bem o verão tropical do Brasil, mas variedades desenvolvidas por ele sim. Assim como o desenvolvimento de variedades de milho de maior qualidade nutritiva, transformou muitas áreas, antes improdutivas, em locais apropriados para produção de grãos. Foi especialista na classificação e melhoramento de orquídeas, criando e exportando numerosos híbridos, além de ser autor de inúmeras publicações. Desde 1971 consolidou a Faculdade de Genética da Universidade de Campinas.

Como se deu a comunicação com os piracicabanos? Eles fizeram um curso de português. Sabiam falar o básico. Logo em seguida mudaram-se para a rua Governador Pedro de Toledo, em

uma casa existente até hoje onde funciona como clínica médica. Poucos anos depois eu nasci. Meus pais já estavam aclimatados em Piracicaba. Meu pai fazia experiências com milho e um aspecto técnico muito importante é que no Brasil pode-se plantar mais vezes durante os anos. Na Alemanha, dava para se plantar uma vez, colhia-se e depois vinha neve. Em casa participávamos do seu trabalho, sem, contudo, entrar em detalhes científicos.

Esses concertos eram elitistas? No início eram realizados no Teatro Santo Estevão, depois foi para o Clube Coronel Barbosa. Eram frequentados por sócios da Cultura Artística. O auditório ficava repleto de pessoas das mais diversas classes sociais.

A senhora tinha a perspectiva de fazer um curso superior? Nunca pensei no que queria fazer. Pui tocando, estudando e tendo aula. Enquanto estava fazendo o científico comecei o conservatório em São Paulo, no Conservatório Musical Carlos Gomes, cujo diretor era Armando Bellandi. Meu pai sempre dizia às visitas que iam em casa: “A Bárbara vai estudar economia.” Fazendo lobby. Eu dizia, “Não, não.” Fiqui sempre na música, sen pensar se ia fazer carreira, se iria viver de música. Sempre continuei. Depois que acabei o conservatório, após 11 anos de estudo sendo que dois anos foram de virtuosidade, nde temos que tocar peças mais difíceis.

Qual era a opinião dos seus pais a respeito da carreira que a senhora escolheu? Meus pais sempre me incentivaram. Estudando e levando as coisas de uma forma muito séria sempre tivemos o apoio deles.

Com a conclusão no curso colegial qual foi o próximo passo que a senhora realizou? Essa época já existia a Escola do Maestro Ernst Mahle e eu passei a dar aulas no conservatório. Na época chamava-se Seminário Livre de Música. Tinha 15 anos quando abriu a escola. Comecei a lecionar piano aos 17 ou 18 anos. Era também aluna. Permaneci por um ano, quando terminei o conservatório. Em seguida fui para Munique, na Alemanha, com bolsa de estudo. Lá fiquei um ano hospedada em uma casa de estudante, sentindo muito o frio do lugar. Estudava das 8 da manhã até as 10 horas da noite, assistia todas as óperas que podia, eu sabia que era um ano em que tinha que assimilar tudo que me ofereciam. Eu sou interprete, pego a partitura e procuro interpretar. Após um ano em Munique voltei para Piracicaba, onde passei mais um ano dando aulas e voltei para o Rio de Janeiro. Fui aluna de Hans-Joachim Koellreutter, compositor, professor e musicólogo alemão. Mudou-se para o Brasil em 1937 e tornou-se um dos nomes mais influentes na vida musical no país. Fundou escolas em São Paulo, em Piracicaba, no Rio de Janeiro e na Bahia, em Salvador. Fiqui na Pró Arte no Rio de Janeiro como aluna e professora. Acompanhava as classes de campo, de violino. Permaneci no Rio de Janeiro por quatro anos morando no bairro Copacabana.

A senhora nasceu em Piracicaba? Nasci em Piracicaba e estudei no Colégio Piracicabano desde o jardim de infância até o colegial. Aos oito anos comecei a ter aulas de piano com Maria Dirce de Almeida Camargo. Gostei muito do piano, aos onze anos passei a ter aulas com o professor e pianista Fritz Jank em São Paulo. Ele morava no bairro Pacaembu. Ia acompanhada de um adulto, geralmente minha mãe, pelo trem da Companhia Paulista. Eram quatro horas de ida e mais quatro horas de volta, isso a cada duas semanas. Em Piracicaba todos os meses tínhamos concertos com artistas internacionais realizados no Clube Coronel Barbosa. Piracicaba tinha uma cultura musical clássica muito expressiva.

A música que faz música popular, que não é doutor em música, sente a mesma paixão, quem sabe até mais, por fazer com mais alma

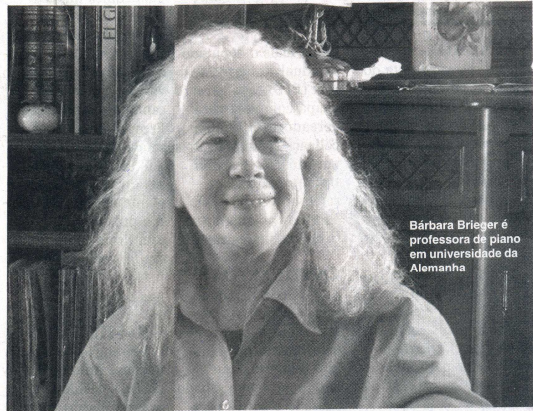
“ Deus existe, está sempre nos dando uma força. A música é uma forma de nos comunicarmos com Ele

A música é elaborada de acordo com a capacidade intelectual de quem a executa? As músicas mais elaboradas são compostas por pessoas que possuem uma capacidade intelectual maior.

Trazem um grau de satisfação maior? Eu não diria. A pessoa que faz música popular, que não é doutor em música, sente a mesma paixão, quem sabe até mais, por fazer com mais alma.

Quem patrocina suas atividades artísticas? Na faculdade onde leci-

ono sou catedrática como professora de piano. O estado paga uma parte e a cidade paga outra parte.



Bárbara Brieger é professora de piano em universidade da Alemanha

Quando as crianças começaram a ir ao jardim de infância eu as levava à escola, ia correndo até a faculdade, dava aula, voltava para casa, cozinhava, fazia bife, que era mais rápido, batata, alemão gosta de batata, uma salada, e pronto. Ficava em casa, cuidava dos filhos, das roupas. Não tinha diarista. Punha as crianças na cama, lavava roupa. Nessa época contava com máquinas, até de lavar pratos. Sentia falta do cafézinho brasileiro, por isso tomo aqui bastante.

Acontece que a água de lá é diferente. Fazíamos o Café Morro Grande lá, não era tão bom por causa da água. Estudava das dez horas da noite até as duas da madrugada.

Como a senhora vê o Carnaval no Brasil? Sempre pulei muito carnaval aqui. Não perdia uma brincadeira dançante no clube, levava lance perfume, que na época era permitido. Usava fantasias. Vivi também a empolgação do carnaval no Rio de Janeiro. O que tenho visto é que nos últimos anos o carnaval virou um comércio comercial, perdeu a pureza e espontaneidade. As fantasias estão mais exóticas. Perdeu a naturalidade.

Se na Alemanha houvesse o clima que existe no Brasil a música teria o mesmo grau de qualidade? Uma boa pergunta! Há certa razão de ser, no Brasil há muito músico que compõem aqui, o Mahle que restou aqui é um compositor extraordinário. Há muitos bons compositores no Brasil. Villa Lobos por exemplo. Na Europa o que temos é a tradição, essa é a parte mais importante, lá já tinha música a partir de 800. No Brasil o que tínhamos em 800? Essa tradição evoluiu, veio o canto gregoriano, a parte renascentista, o barroco, o Bach, Mozart. É toda uma tradição que foi criando esse canto.

O que significa a música para o ser humano? Música é a vida, é a alma. Mesmo pessoas analfabetas fazem música. Não tocam Mozart, mas fazem a música deles. O pessoal do choro, o pessoal da música popular. É a vida, é a inspiração, é a manifestação de Deus.

Qual era a opinião dos seus pais a respeito da carreira que a senhora escolheu? Meus pais sempre me incentivaram. Estudando e levando as coisas de uma forma muito séria sempre tivemos o apoio deles.

Após quatro anos em Copacabana, qual foi o passo seguinte? Sempre temos cursos de férias em Teresópolis, organizado pela escola Pró Arte, eles convidavam professores internacionais da Alemanha, Estados Unidos, e veio um professor da Alemanha para fazer um curso de Orrif, é um

curso que aumenta e desafia a musicalidade pessoal, bem como as questões pedagógicas. Após quatro anos no Rio ganhei outra bolsa de estudo no Intercâmbio Acadêmico (DAAD), uma organização financiada com dinheiro público independentes das instituições de ensino superior na Alemanha. Esse professor só falava alemão, eu com descendência alemã tive facilidade em me comunicar com ele.

Chegaram a ter filhos? Tivemos três filhos.

Se na Alemanha houvesse o clima que existe no Brasil a música teria o mesmo grau de qualidade? Uma boa pergunta! Há certa razão de ser, no Brasil há muito músico que compõem aqui, o Mahle que restou aqui é um compositor extraordinário. Há muitos bons compositores no Brasil. Villa Lobos por exemplo. Na Europa o que temos é a tradição, essa é a parte mais importante, lá já tinha música a partir de 800. No Brasil o que tínhamos em 800? Essa tradição evoluiu, veio o canto gregoriano, a parte renascentista, o barroco, o Bach, Mozart. É toda uma tradição que foi criando esse canto.

O que significa a música para o ser humano? Música é a vida, é a alma. Mesmo pessoas analfabetas fazem música. Não tocam Mozart, mas fazem a música deles. O pessoal do choro, o pessoal da música popular. É a vida, é a inspiração, é a manifestação de Deus.

Qual era a opinião dos seus pais a respeito da carreira que a senhora escolheu? Meus pais sempre me incentivaram. Estudando e levando as coisas de uma forma muito séria sempre tivemos o apoio deles.

Após quatro anos em Copacabana, qual foi o passo seguinte? Sempre temos cursos de férias em Teresópolis, organizado pela escola Pró Arte, eles convidavam professores internacionais da Alemanha, Estados Unidos, e veio um professor da Alemanha para fazer um curso de Orrif, é um

curso que aumenta e desafia a musicalidade pessoal, bem como as questões pedagógicas. Após quatro anos no Rio ganhei outra bolsa de estudo no Intercâmbio Acadêmico (DAAD), uma organização financiada com dinheiro público independentes das instituições de ensino superior na Alemanha. Esse professor só falava alemão, eu com descendência alemã tive facilidade em me comunicar com ele.

Quando as crianças começaram a ir ao jardim de infância eu as levava à escola, ia correndo até a faculdade, dava aula, voltava para casa, cozinhava, fazia bife, que era mais rápido, batata, alemão gosta de batata, uma salada, e pronto. Ficava em casa, cuidava dos filhos, das roupas. Não tinha diarista. Punha as crianças na cama, lavava roupa. Nessa época contava com máquinas, até de lavar pratos. Sentia falta do cafézinho brasileiro, por isso tomo aqui bastante.

Acontece que a água de lá é diferente. Fazíamos o Café Morro Grande lá, não era tão bom por causa da água. Estudava das dez horas da noite até as duas da madrugada.

Como a senhora vê o Carnaval no Brasil? Sempre pulei muito carnaval aqui. Não perdia uma brincadeira dançante no clube, levava lance perfume, que na época era permitido. Usava fantasias. Vivi também a empolgação do carnaval no Rio de Janeiro. O que tenho visto é que nos últimos anos o carnaval virou um comércio comercial, perdeu a pureza e espontaneidade. As fantasias estão mais exóticas. Perdeu a naturalidade.

Se na Alemanha houvesse o clima que existe no Brasil a música teria o mesmo grau de qualidade? Uma boa pergunta! Há certa razão de ser, no Brasil há muito músico que compõem aqui, o Mahle que restou aqui é um compositor extraordinário. Há muitos bons compositores no Brasil. Villa Lobos por exemplo. Na Europa o que temos é a tradição, essa é a parte mais importante, lá já tinha música a partir de 800. No Brasil o que tínhamos em 800? Essa tradição evoluiu, veio o canto gregoriano, a parte renascentista, o barroco, o Bach, Mozart. É toda uma tradição que foi criando esse canto.

O que significa a música para o ser humano? Música é a vida, é a alma. Mesmo pessoas analfabetas fazem música. Não tocam Mozart, mas fazem a música deles. O pessoal do choro, o pessoal da música popular. É a vida, é a inspiração, é a manifestação de Deus.

Qual era a opinião dos seus pais a respeito da carreira que a senhora escolheu? Meus pais sempre me incentivaram. Estudando e levando as coisas de uma forma muito séria sempre tivemos o apoio deles.

Após quatro anos em Copacabana, qual foi o passo seguinte? Sempre temos cursos de férias em Teresópolis, organizado pela escola Pró Arte, eles convidavam professores internacionais da Alemanha, Estados Unidos, e veio um professor da Alemanha para fazer um curso de Orrif, é um

curso que aumenta e desafia a musicalidade pessoal, bem como as questões pedagógicas. Após quatro anos no Rio ganhei outra bolsa de estudo no Intercâmbio Acadêmico (DAAD), uma organização financiada com dinheiro público independentes das instituições de ensino superior na Alemanha. Esse professor só falava alemão, eu com descendência alemã tive facilidade em me comunicar com ele.

Quando as crianças começaram a ir ao jardim de infância eu as levava à escola, ia correndo até a faculdade, dava aula, voltava para casa, cozinhava, fazia bife, que era mais rápido, batata, alemão gosta de batata, uma salada, e pronto. Ficava em casa, cuidava dos filhos, das roupas. Não tinha diarista. Punha as crianças na cama, lavava roupa. Nessa época contava com máquinas, até de lavar pratos. Sentia falta do cafézinho brasileiro, por isso tomo aqui bastante.

Acontece que a água de lá é diferente. Fazíamos o Café Morro Grande lá, não era tão bom por causa da água. Estudava das dez horas da noite até as duas da madrugada.